

# Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 15 - Ano 8 - Nº 15 – 1º semestre/2020  
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612  
[www.artezen.org](http://www.artezen.org)

## 4 – DAS HARMONIAS POTENCIAIS DAS IMAGENS E OBJECTOS, CASAS, LOCAIS E SERES

Pedro Teixeira da Mota\*

Escolhermos num determinado espaço o que o pode fortificar e embelezar e, simultaneamente, harmonizar as pessoas que o vivem, é um desafio valioso mas pouco consciencializado e aprofundado.

Há um potencial perdido quando se dispõem com pouca consideração imagens, quadros, gravuras, objectos, livros, cristais, plantas, tecidos, tapetes, fotografias, prateleiras e móveis, apenas com uma limitada consciência da causalidade de tais escolhas e sem se sentirem ou imaginarem os efeitos mais úteis ou profundos.

Cada objecto e imagem é na verdade um ser ressoante e irradiante, potencialmente tanto uma janela para a sua e nossa multidimensionalidade intrínseca, histórica e relacional como uma flecha ou lança vibrante que nos toca, chega e impacta, se não nos deixamos anestesiar, alienar...

Cada imagem ou objecto é constituído por elementos, átomos, neutrões, prótons e irradia um *quantum* electromagnético, ao qual se associam potencial ou subtilmente, múltiplas informações, forças, ideias e qualidades, dependentes da nossa inter-relação, que as pode sentir e absorver, cuidar e amar. Mesmo ao nível das partículas e ondas da física quântica, comprova-se que o observador

influencia o objecto observado, mas a memória da água, apesar dos sucessos da homeopatia, ou a memória dos lugares e objectos, apesar de tantas descrições de psicometria, intuições e sonhos, não são ainda reconhecidas em termos científicos pela maioria dos cientistas.

Não há ainda, com efeito, dispositivos orgânicos, mecânicos e tecnológicos que meçam ou quantifiquem com rigor científico a vibração irradiante de cada local, casa, imagem e objecto, ícone e livro, bem como a das reacções um ser humano para com eles e em si mesmo...

S. Jorge no Cavalo Amarelo



Por Luama Sócio

\* **Pedro Teixeira da Mota** – Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa. Investigador da Tradição Perene ou da Espiritualidade Universal. Conferencista em vários países e sobre diversos temas. Viveu dois anos e meio na Índia. Foi professor de Yoga, e tem trabalhado como especialista do livro antigo. Dinamizador espiritual. Publicou quatro livros de inéditos de Fernando Pessoa, comentados: *Moral, Regras de Vida e Condições de Iniciação*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Grande Alma Portuguesa*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Rosea Cruz*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989; *Poesia Profética, Mágica e Espiritual*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989. Em 1998, o *Livro dos Descobrimientos do Oriente e do Ocidente*. Em 2006, a tradução comentada do texto sânscrito *AstavakraGita, o Cântico da Consciência Suprema*. Em 2008 a tradução (com Álvaro Pereira Mendes), e comentando-a, do *Modo de Orar a Deus*, de Erasmo de Roterdão. E em 2015 um livro de trinta e três ensaios, “*Da Alma ao Espírito*”, Publicações Maitreya. Contato: peommota@hotmail.com e viva.erasmo@gmail.com

E também não há dispositivos que consigam discernir qualitativamente as energias presentes e irradiantes, embora pessoas mais sensíveis possam sentir a melhor ou pior, a maior ou a menor soma ou carga de correntes energéticas e psíquicas que estão num local ou nos objectos, ou as que podem, através deles, serem invocadas, sentidas e acolhidas.

Presentemente, há contudo muita movimentação tendente a quantificar energias subtis por aparelhos tecnológicos, e com bastante mistificação nas aplicações chamadas, por exemplo, de curas quânticas. Também o pretenso discernimento das qualidades de determinados cristais para eventuais curas, muito específicas, entra nas fronteiras da mistificação e da autossugestão, sem pormos em causa a beleza, estrutura sutil vibratória e a ligação de tal cristal com a sua origem, num determinado contexto geográfico, geológico ou até mesmo psicoenergético.

Cristal de quartzo do Gerês



Recolhido pelo autor

Será possível aprofundarmos os nossos conhecimentos destes domínios subtis sem cairmos em mistificações, ilusões, explorações e utilizá-los de modos práticos e úteis? Será possível deixarmos de ver os objectos apenas dos nossos olhos para a sua superfície externa e conseguirmos que o nosso ser e alma entrem com o olhar e intenção, e neles ora permaneçam e se inter-relacionem ora acolham contemplativamente a sua irradiação electromagnética ou psíquica, sentindo e intuindo as partículas e ondas, e informações e ligações contidas e circulantes no vasto Campo Unificado de Energia-Consciência-Informa-

ção, a antiga Alma do Mundo que embebe e religa a todos?

Como intensificarmos a nossa observação até ela se tornar verdadeiramente contemplação, comunhão, assimilação?

Na realidade, para estarmos abertos, receptivos e acolhedores a tais campos vibratórios e suas informações, nomeadamente por intuições, sonhos e até visões do olho espiritual, temos de viver mais auto-conscientes e aprofundarmos ou desenvolvermos harmoniosamente as nossas capacidades de empatia, concentração, interiorização, meditação e contemplação...

Deveria ser uma prática diária valorizada contemplar-se durante algum tempo um símbolo, uma gravura, uma lâmina do Tarot, uma mandala (de preferência até nossa), uma planta, uma reprodução de uma obra prima, que nos intriga ou atrai. E anotarmos até depois o que sentimos e intuimos ao longo das práticas.

San-as. Da série Atlântida



Por Maria da Fátima Silva  
Fotografia pelo autor, da sua colecção

Todavia, como estamos expostos a tantas obrigações e solicitações, é natural que seja difícil conseguirmos ter esta fidelidade contemplativa. Terá de ser com algo que gostemos mesmo muito. E teremos de activar ou assumir o dito da sabedoria antiga estoica que nos diz: *Sustine et Abstine*, isto é, para conseguires sustentar e apoiar algo, terás de abster-te ou renunciar a outras coisas ou actividades.

Cada vez, ou mesmo contemplar, de uma imagem ou objecto deve então conjurar ou despertar em nós forças de comunhão

dinâmica e harmonizante, e tal acontece se é realizado com diligência, intensidade, plenitude, Amor. O estar no aqui e agora, *hic et nunc*, plenamente. E graças ao *Amor omnia vincit*, o Amor que tudo vence, pois é a sua força unitiva que nos permite estar, sentir, ver, dialogar e conhecer melhor...



De Patricia Giovanna Curcetti

Para além deste aprofundar ou alongar da visão-contemplação, pelo qual se chega a uma unificação interna e frequentemente a resultados intuitivos valiosos, outro dos cinco sentidos pode ser chamado à acção, o tacto e então, através das mãos, acolhemos mais o ser ou objecto que afeiçãoamos e do qual eventualmente sentimos e intuimos superracionalmente certas informações.

E tanto entramos nele, pelo que emana das nossas mãos e lhe é dado ou inscrito, como somos penetrados na pele e na aura pelo que deles sentimos e nos possa vir. Daqui que algumas pessoas ponham por vezes objectos sobre o corpo, o peito e a testa, para os sentir melhor e eventualmente verem imagens interiores significativas. Ou que desenham no corpo formas, símbolos, poemas, carregados de forças e mensagens.

E, claro, o que temos estado a pensar sobre objectos e imagens materiais ou exteriores é também válido para os seres vivos e seus níveis internos e subtis, e assim há pessoas que sentem bem as energias, doenças, sentimentos dos corpos e seres que as suas mãos massajam, tocam ou amam.

Mesmo as imagens cujo significado ou simbolismo nos é mais familiar, e que nos



Recolhido pelo autor

transmitem facilmente suas vibrações e mensagens, não devem ser vulgarizadas, negligenciadas mas apelarem a um acto, espontâneo ou voluntário, de atenção mais sustida de modo a despertar-se ou intensificar-se a sensibilidade interna e a gerar-se mais acolhimento, osmose, compreensão, realização e, assim até, transformações.

Sobretudo as imagens, com ligação familiar e sanguínea, mais impregnadas histórica e afectivamente, podem facilmente transmitir-nos impulsos e intensificar correntes ascensionais e libertadoras dentro da nossa psique, tanto consciente como semi-consciente, se assim as conseguirmos despertar, sintonizar e vivenciar...

Por exemplo, uma fotografia de antepassados, ou de um ser amado, ou nossa em criança, ou a meditação nas imagens de uma certa vivência, facilmente tocam em níveis mais profundos do nosso ser, os quais tanto podem estar no fundo da misteriosa memória, ou quem sabe da coluna vertebral, como também provirem da alma e chegarem até a comunhão das almas no Cosmos multidimensional; e tal será sentido no cimo da cabeça, no coração ou simplesmente na alegria grata que tal vivência suscita e que pode irradiar do peito por todo o nosso ser e aura.

E podem tais imagens ser dispostas com a intencionalidade de ao vê-las podermos mais facilmente enviarmos pensamentos de amor, de avanço no caminho para Deus. E, eventualmente, de recebermos inspirações delas, isto é, dos seres que através da fotografia e lembrança amada nos permitem comungar mais no Amor divino.



Recolhido pelo autor

Embora cada imagem ou objecto espelhe-se e interaja com todo o nosso corpo e alma de muitos modos que nos escapam, se soubermos recolher-nos bem e senti-lo, num concentrar e unificar das nossas múltiplas forças anímicas, poderá haver verdadeiramente uma vivência interior, desabrochadora de conhecimento mais profundo, suprassensorial e unitivo, o qual será fonte de consideração e valorização maior da imagem e de nós e, logo, de fortificação e realização espiritual.

Há, portanto, imagens, em especial objectos pessoais, presentes, cartas, dedicatórias autógrafos, fotografias ou criações nossas em livros artesanais ou de artista que, além de nos remeterem a significações históricas, ideológicas ou espirituais, nos abrem mais o coração e a interioridade sutil amorosa. Já outras imagens há que nos projectam para o Cosmos e o Infinito, tais como certos poemas e mandalas, quadros ou fotografias e essas podem estar até nas partes mais altas das divisões da casa, para quando as olharmos o nosso ver possa continuar numa trajectória ascendente, não limitada já às quatro paredes do quarto e casa mas alargando-se, para além de divisões e janelas, para as qualidades superiores da humanidade, para os níveis mais subtis e espirituais do Cosmos. Já no chão poderão estar pedras, cristais, plantas, "gnomos" e imagens ligadas com a Terra...

O cacto e a sua flor e semente, mandálicos...



Recolhido pelo autor

Quando equacionamos numa casa ou sala, as possibilidades de deixarmos certas imagens ou objectos adquirirem uma preponderância sobre outras, satisfazemos uma latente ou premente necessidade do ser humano: criar mágica e, inspiradoramente, um microcosmos ressoante e interactivo, único, o da ordenação da casa, sala, quarto ou jardim, com os ícones-objectos que dispomos e entendemos...



Recolhido pelo autor

Em grego, *Kosmos* significa um todo ordenado, belo, adornado. E *Macro*, grande, sendo o macrocosmo o grande todo do Universo. *Micro*, pequeno, o nosso mundo, corporal, psíquico, mas também o da Terra. E diz-se então que o ser humano é um microcosmos que reflecte o macrocosmos, sobretudo ao estabelecer as ligações justas entre a Terra e o Céu, entre si e os outros. Neste sentido também a tradição espiritual indiana intuiu e desenvolveu o conceito de *Dharma*, a Ordem do Universo, e o *Swadharma*, a ordem, dever ou missão de cada um, dentro do grande Universo e Dever.

Ora, embora as pessoas tenham cada vez menos tempo para se sentirem (ou assumirem-se, erguerem-se) como microcosmos, bem como para orarem e contemplarem, apenas podendo em geral

ver uns segundos ou minutos cada objecto, levadas na rapidez da luta pela sobrevivência e pela super-comunicação (algo dispersante e tão manipulada...) dos telemóveis e computadores na *web*, em verdade é importante seleccionarmos nas nossas casas algumas imagens e objectos mais fortes e mais capazes de nos remeterem para certo nível e de estimularem as nossas capacidades contemplativas, ou seja, atraírem as nossas energias psíquicas e de as fixarem, harmonizarem, inspirarem, centrarem ou mesmo abrirem, encaminharem para os níveis mais altos e íntimos, de nós e do Cosmos.



Recolhido pelo autor

As mandalas tradicionalmente servem para isso, e poderemos desenhá-las ou construí-las com objectos e distribuí-las no espaço com certas intencionalidades e conforme a cor, forma ou conteúdo tradicional que elas contêm, e estaremos assim a criar pontos intensificadores de modulações específicas, em certos casos sensíveis pelas outras pessoas, tornando a nossa casa mais harmoniosa...

Se considerarmos os locais de trabalho, então também é importante escolhermos estratégica e vibratoriamente (e o *Feng Shui* chinês é uma referência tradicional) o posicionamento, pois sendo nós obrigados a ficar sentados e virados numa direcção, importa escolhê-la bem de acordo com a passagem de energias, bem como seleccionar as plantas e cristais, imagens de quadros, objectos ou seres que serão mais vistas e contempladas e que melhor nos poderão inspirar, penetrar, influenciar.

O ordenarem-se os objectos ou imagens de cada parede de acordo com afinidades temáticas e energéticas será bom, pois concentramos uma certa correnteza numa zona, embora, frequentemente, pelas limitações do tamanho livre das paredes, tenhamos de compartilhar em escada, ou em triangulações, o que podemos dispor de imagens com tais intencionalidades temáticas.

Arranjo altar temporário, com a rainha santa Isabel de Aragão e Portugal.

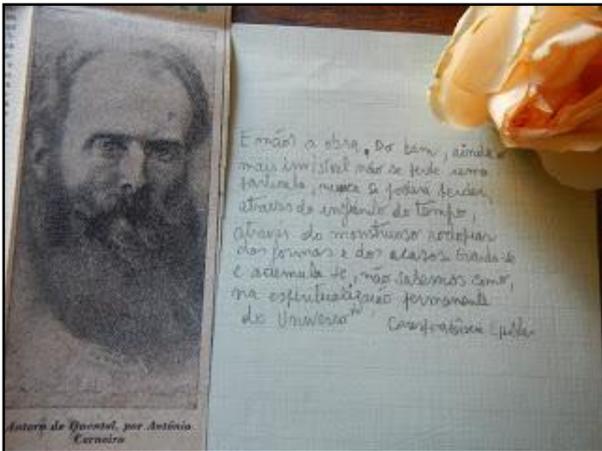


Recolhido pelo autor

Por exemplo, numa parede ou num canto da casa, pelas imagens e os altares, pode estar mais a nossa conexão com a Natureza, a terra, a água, o fogo, as plantas. Ou com o Cristianismo, católico ou ortodoxo (este, tendo tido um aprofundamento fabuloso da teoria do ícone), o Budismo, o Hinduísmo, o Shintoísmo, o Sufismo, etc. Noutra ainda com a família, com a tradição espiritual nacional, com o princípio feminino, com os Anjos, etc. Ou então tripartindo a parede e ordenando esses três núcleos em escalas e graus do amor que sentimos.

Quem gosta mais de certos escritores ou artistas, ao ter e ao contemplar as suas obras, retratos, livros ou frases, poderá comungar com eles, inter-relacionando-se num diálogo criativo e até performativo (dança, ritual, canto), que pode conseguir vencer ou diminuir as limitações espaço-tempo e sujeito-objecto, eu-tu, desiderato sempre essencial e íntimo da arte de comunicar bem com as imagens e seres, para chegarmos mais ao amor e a uma maior visão e vivência da Unidade divina da consciência e do espírito e, portanto, a um melhor e mais profundo relacionamento com os outros seres, vivos ou já desencarnados e com o Todo.

De tal continuidade dialogante, mantida com fidelidade ao longo dos meses, se pode gerar escrita ou criatividade valiosa, completando anseios e testamentos dos que nos antecederam ou desenvolvendo as nossas próprias criativas asas, objectivos e missões...



Recolhido pelo autor

Um bom nível interno de relacionamento com objectos, imagens, árvores e seres é conseguirmos ter imagens deles no nosso coração ou interior, as quais podem ser vistas de olhos fechados, e que portanto sabemos de cor, no cor-(e)-acção. Com tais imagens ou símbolos que mais nos dizem poderemos caminhar ao longo do dia sob o céu azul ou enevoado, lembrando-nos deles mental ou animicamente, associando-os até com algum *mantra* ou *mudra*. Ou levá-los conosco no além...

E, tal como algumas pessoas levam pendurado ao pescoço ou no bolso, um colar, joia ou cristal, símbolo ou talismã, bem carregado de amor e aspiração, e que de algum modo fortifica o seu campo bio-psíquico e a lembra e propulsiona a participar de certas associações e consciencializações, assim avançamos e irradiamos nós relembando esse símbolo, o qual pode ser, por exemplo, a estrela de cinco pontas, a cruz, a árvore cósmica, o yin-yang, o sol, a lua, etc., gerando com tal diálogo e comunhão fortalecimento do nosso ser e suas ligações superiores.

Nesta escolha de imagens interiores, ou apenas para a contemplação de olhos abertos, mandalas (que bem nos centram neuronal e psiquicamente), símbolos, pinturas e desenhos de mestres espirituais serão sempre das mais apropriadas por toda

a geometria sagrada e a espiritualidade perene que as envolvem, embora cada ser realize as suas intensificações amorosas através das formas artísticas e naturais especificamente mais afins de si.

Mandala



Por Leonor Beltran

Tais associações podem ser invocadas inicialmente nas nossas orações-meditações. Ou podemos meditar de quando em quando nelas, sentindo ainda nesse processo quais serão as que se evidenciam como mais operativas e eficazes no nosso momento ou estação peregrinante da vida criativa e evolutiva.

Quando meditamos mais e buscamos o espírito, com a ligação maior a um ou outro grande ser, seja certa força seja a imagem dele pode surgir dentro de nós e tal é simultaneamente imagem do nosso espírito e do espírito dele, e da própria Divindade, Divindade que é o nível mais elevado e profundo de tudo.

Em cada meditação ou contemplação poderemos sentir ou discernir a partir da unificação interior e verticalização quais os impulsos que nos são dados, as qualidades e energias a desenvolver, os seres e projectos a trabalhar e comungar, o como harmonizar melhor tudo o que nos rodeia, religando-nos mais com a Divindade...



Recolhido pelo autor

Assim cada alma intuirá e depois aplicará o que poderá ser mais luminoso para ela e os outros seres do planeta...

Saibamos então estar harmoniosamente nas nossas casas e ambientes de trabalho, limpando-as de inutilidades e desarmonizações, dispondo nelas mais formas redondas e orgânicas do que só as quadradas e rectangulares, aumentando a paleta cromática visível, consciencializando-nos das zonas de luz e de sombra e intercomunicando em amor e sabedoria fecunda com todos os seres e objectos que nos rodeiam, de modo a gerarmos ambientes bons para todos os seres que neles estiverem. E para que tais objectos e ambientes, de vida inanimada ou animada, se sintam mais amados e numa maior perfeição irradiante, e assim a nossa alma poder estar mais alargada ou expandida... Será bom conservarmos permanentemente a consciência e a dinâmica de sermos ordenadores embelezadores e assim saberemos limpar e cuidar os ambientes e locais por onde passamos como se fossem também nossas casas e locais de trabalho e harmonização.

E que dizer então dos nossos campos, jardins e praias tão atulhados por vezes de plásticos e lixo, que verdadeiramente verdadeiras cruzadas ou guerras santas nos pedem e que muito rápida ou facilmente nos fazem sentir gratamente partes da grande mandala bela da Gaia, ao executarmos tais tarefas manuais, ainda algo menosprezadas, pese o despertar planetário de consciência ambientalista dos últimos anos?

Será bom ainda termos os nossos símbolos preferidos, ou as imagens de que

mais gostamos, ou as ligações subtis dos seres mais amados, próximas de nós, para antes de adormecermos contemplarmos alguma, e para com regularidade a meditarmos e assim a deixarmos vibrar em nós, harmonizando-nos, inspirando-nos, orientando-nos...

Sejamos então mais dinamizantes das melhores qualidades do ser e dos seres e coisas, no *Dharma* ou Ordem e Cosmos de origem Divina, que engloba os múltiplos planos do universo em que somos e vivemos, nomeadamente o físico, o energético, o psíquico e o espiritual, aspirando a que a Divindade, os Mestres e seres espirituais, e o seu Amor, Vontade Bem, estejam cada vez mais vivos e criativos em nós.

*Lux in tenebris*, de Bô in Râ, livro *Welten*. Diante, um tipo de *hogeí*, purificador e religador, do Shintoísmo



Recolhido pelo autor